

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM GERÊNCIA EM SAÚDE

Anna Luiza Barbosa Martins

SINGULARIDADE, AÇÃO E RENOVAÇÃO DE MUNDO:  
a amizade na escola e suas potencialidades

Rio de Janeiro

2011

Anna Luiza Barbosa Martins

SINGULARIDADE, AÇÃO E RENOVAÇÃO DE MUNDO:  
a amizade na escola e suas potencialidades

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Gerência em Saúde para a obtenção do título de técnico em Gerência em Saúde.

Orientadora: Grasielle Nespoli

Rio de Janeiro  
2011

Anna Luiza Barbosa Martins

SINGULARIDADE, AÇÃO E RENOVAÇÃO DE MUNDO:  
a amizade na escola e suas potencialidades

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Gerência em Saúde para a obtenção do título de técnico em Gerência em Saúde.

Aprovado em 09/12/2011

BANCA EXAMINADORA

---

(Dra. Alda Maria Lacerda da Costa – FIOCRUZ / EPSJV / LABORAT)

---

(Dra. Francini Lube Guizardi - FIOCRUZ / EPSJV / LABORAT)

---

(Dra. Grasielle Nespoli - FIOCRUZ / EPSJV / LABGESTÃO)

*Dedico este trabalho à minha mãe Dilce, imagem  
de amor incondicional;  
aos meus amigos Anderson, Andressa, Dayanna,  
Guilherme, Herbert e Isabela,  
presentes que a escola me trouxe.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, minha fonte de ternura, luz e amor. Agradeço pela forma que me manteve de pé. Agradeço pela força que recebeu e que me possibilitou me aventurar em desafios que pareciam grandes demais pra mim. A experiência da fé é minha motivação para seguir desbravando novas estradas. Essa fé faz toda a diferença na minha vida e, por isso, sou profundamente grata.

Agradeço à minha mãe, cujas palavras de incentivo me estimularam quando quis desistir. Sua companhia e seu amparo são grandes presentes que recebi. Espero um dia retribuir um pouco do muito que você tem me dado, todos os dias.

Agradeço aos meus amigos Dayanna, Andressa, Isabela, Guilherme, Anderson e Herbert. Vocês foram fundamentais durante os últimos três anos. Trouxeram luz para muitos dias que pareciam cinzentos. Fizeram-me acreditar que é nos sorrisos, nos abraços, nas lágrimas, nos gritos e nos cochichos que podemos aliviar o peso da existência. É nos detalhes que a vida acontece, é pelo amor que nós amamos que tudo vale a pena.

Agradeço à minha querida orientadora Grasielle. Obrigada por acreditar em mim desde o princípio, por me acolher em meio às incertezas e pelo carinho que me dedicou em cada encontro que tivemos durante este ano. Sou muito grata pelo seu respeito que foi tão importante para mim, e pela sua dedicação constante. Este trabalho também é seu, também é para você.

Agradeço à Francini e à Alda, por terem aceitado o convite de compor a minha banca. Obrigada pela amabilidade com que apresentaram suas críticas e sugestões, colaborando para a melhora deste trabalho. Suas contribuições foram muito importantes.

Agradeço ao meu amigo-irmão Felipe. Sem você eu não teria começado esta monografia. Você me inspirou a escrever sobre este tema que se mostrou tão fascinante, meu amigo. Obrigada pelo tanto que você já me ensinou e continua me ensinando, ao permitir que eu caminhe com você a estrada que nos está proposta.

## RESUMO

Consiste numa investigação das implicações e da importância da amizade desenvolvida no espaço escolar para a formação humana. Analisa a potencialidade política que a amizade pode apresentar, considerando fatores próprios do convívio proporcionado pela escola, como a heterogeneidade e a necessidade de cooperação, que possibilitam o rompimento de estereótipos previamente traçados e a criação de projetos solidários e inovadores, comprometidos com a renovação do mundo, como entende Hannah Arendt. Utiliza como métodos a revisão bibliográfica e um grupo focal com alunos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, devido ao seu Projeto Político Pedagógico que prevê uma formação integral, ética e política. Mostra que a amizade na escola possui uma potencialidade política de mudança social que é pouco desenvolvida, e que no espaço escolar as singularidades se esbarram e se afetam de formas diferentes, de modo que a amizade constitui um relacionamento que contribui para a formação humana dos sujeitos e que, portanto, torna-se relevante. Conclui que a amizade na escola é um relacionamento que apresenta abertura para a experimentação, para a criação de projetos inovadores, pautando-se na democracia, na liberdade e no potencial das singularidades dos sujeitos-amigos. Percebe que a troca intersubjetiva é rica e colabora diretamente para a formação e transformação dos amigos. Identifica que o encontro das diferentes subjetividades tem o poder de gerar ação, que pode estar voltada para uma mudança interior, mas também no coletivo. Afirma que a amizade na escola possui uma potencialidade política que se mostra promissora e deve ser cultivada e desenvolvida.

Palavras-Chave: Singularidade. Ação. Renovação de mundo. Amizade na escola.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 A AMIZADE NA ESCOLA COMO EXERCÍCIO DO POLÍTICO.....</b>	<b>13</b>
<b>3 A AMIZADE NA ESCOLA E O DESAFIO DA ALTERIDADE.....</b>	<b>22</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Minha intenção com este trabalho foi investigar as implicações e a importância das relações de amizade para a formação humana. No entanto, sabendo que este é um âmbito demasiadamente extenso e, ao mesmo tempo, pouquíssimo estudado, pareceu-me mais adequado deter-me a um determinado espaço onde o estudo do desenvolvimento das relações de amizade me fosse mais acessível. Desta forma, o espaço escolhido foi o escolar, onde pode ser observado um constante movimento de interação – no qual as amizades decorrem –, que aliado a diversas outras experiências que o sujeito inserido nesse universo vivencia, parece contribuir diretamente na sua formação.

Pensando nisso, decidi voltar meu enfoque para um estudo a partir da própria instituição onde estudo, a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/ FIOCRUZ), tendo em vista seu Projeto Político Pedagógico (PPP) que, pautado na idéia de politecnia, propõe “a educação profissional em saúde [...] voltada para uma formação ética, política e técnica” (EPSJV, 2005, p.7), e também afirma “na formação técnica a educação dos *sentimentos, da sensibilidade e dos sentidos*” (PEREIRA E RAMOS, 2006, p.59).

Essas diretrizes abrem espaço para pensarmos em inúmeras questões que estão, direta ou indiretamente, envolvidas na formação politécnica que a EPSJV propõe. Dentre essas questões podemos citar a amizade, que se desenvolve no campo das relações sociais travadas no espaço escolar e de trabalho, uma vez que o espaço escolar é também um espaço de trabalho. No tocante a isto, um ponto importante definido no PPP da EPSJV é a idéia de trabalho como princípio educativo, isto é, a concepção de que os sujeitos se educam e se constroem, como trabalhadores, no próprio exercício do trabalho, por meio de tudo o que envolve e constitui o exercício deste – tal como as relações interpessoais desenvolvidas nesse contexto. O objetivo é formar trabalhadores que, trabalhando, entendam as bases sociais daquele seu exercício e que promovam, criticamente, as mudanças necessárias no meio em que eles estão inseridos.

Surge, então, uma provável conciliação do meu desejo inicial de investigar a amizade, e seu papel na formação de um sujeito, com o âmbito escolar que se apresenta rico e acessível para exploração desse tema. Cabe aqui falar, no entanto, de um conceito de amizade que difere daquele mais usual, pautado na familiaridade e na semelhança, muito difundido pelo senso comum.

Este trabalho defende a amizade como uma produção sociocultural, que apresenta abertura para a mudança, para a criatividade. É um relacionamento que carrega em sua essência a ideia de construção/renovação do mundo por meio da relação eu-outro, e que, por isso, é, potencialmente, um relacionamento poderoso para romper estereótipos que reafirmam a exclusão, a intolerância e a competição, instituídos em nossa sociedade. Essa potencialidade se torna ainda maior ao se tratar da amizade desenvolvida na escola, que é formada pela/na diferença.

Frente a isto, elegi a discussão da filósofa Hannah Arendt para nortear o trabalho em questão. Mesmo que sua obra não se aprofunde na problemática da amizade, sua discussão é extremamente rica e possibilita a aproximação entre seus conceitos e a ideia de amizade na escola.

De forma geral, pode-se dizer, então, que este trabalho objetivou investigar as implicações da amizade na formação humana e sua potencialidade política, a partir da análise daquela desenvolvida no âmbito da EPSJV, que possui um Projeto Político Pedagógico que prevê uma formação ética e política, uma educação dos sentidos e sentimentos, além de propor uma postura de aproximação das diferenças e de ruptura com ações intolerantes e separatistas.

A partir deste alvo, pode-se traçar alguns objetivos específicos que auxiliam na análise desta questão central, tais como: investigar como as amizades na escola podem romper com estereótipos vigentes na sociedade atual, especialmente num contexto escolar norteado pelo princípio da politecnicidade que questiona a conjuntura individualista instalada, própria do sistema do capital; analisar a potencialidade que as amizades possuem para a criação de projetos inovadores, de ações solidárias e cooperativas, à luz da heterogeneidade e das singularidades evidentes no espaço escolar; e, por fim, relacionar o processo de construção das amizades na escola com a potencialidade referida.

A amizade, a princípio, não se apresentava para mim como um objeto muito relevante sobre o qual eu devesse desenvolver uma monografia. Mas, de forma inesperada, ela mostrou uma de suas facetas e conquistou minha atenção. Desafiou-me a adentrar no seu mundo pouco explorado e eis aqui o resultado deste desafio.

O primeiro desejo surgiu naquele momento em que, num diálogo com um amigo, percebi o quão fundamental para mim é este tipo de relacionamento. Fascinei-me pela ideia de buscar compreender o impacto que a troca de experiências numa amizade exerce sobre as pessoas nela envolvidas. E assim, num segundo momento, lancei meu olhar para fora, em busca da

compreensão dos outros EUs (de suas singularidades) e de seus laços de amizade, num esforço de mapear, na medida do possível, as implicações desses relacionamentos na formação de cada pessoa.

Dentro de cada pessoa parece haver um desejo de alcançar a vida do outro; parece que em cada sujeito existe um espaço a ser compartilhado com outros sujeitos, e quem sabe até modificado, reconstruído. Há quem diga que somente em relacionamento com um outro é possível conhecer esse espaço em si mesmo. Questões como essas motivam análises curiosas e buscas científicas de compreensão sobre os relacionamentos humanos e seus fascinantes aspectos. Este trabalho foi para mim como uma dessas análises curiosas, que acabou se encontrando, inevitavelmente, com o caráter científico da pesquisa.

No entanto, não só pela dimensão pessoal justifica-se este trabalho. A amizade representa um constituinte fundamental para o quadro das relações que permeiam a sociedade atual. Ela carrega consigo um caráter político e um potencial de mudança, de ruptura com a ideologia dominante que só faz sentido se olharmos para ela sob um ponto de vista preocupado com o social. Pensar a amizade é também pensar o coletivo, as formas criativas de relacionamento, uma dimensão de construção dos sujeitos. Porém, são extremamente escassos os trabalhos preocupados com uma análise sobre a amizade no contexto contemporâneo. Por isso, neste trabalho, me propus a trazer uma reflexão sobre a importância deste tema. Escolhi o âmbito escolar como um recorte, mas certamente o assunto não se esgota aqui. Esta análise é apenas um pequeno esforço no caminho da compreensão da complexidade deste relacionamento tão fundamental, mas tão pouco estudado.

Dito isto, é necessário esclarecer o “caminho do pensamento<sup>1</sup>” escolhido para desenvolver este trabalho, aproximando-o de uma teoria já existente que será apropriada ao se buscar compreender a realidade. No entanto, é necessário esclarecer que nenhuma teoria é capaz de explicar perfeitamente a realidade, que é muito mais rica do que se descreve. Desta forma, cabe destacar que o presente trabalho pretende fazer apenas uma aproximação da teoria que melhor se encaixaria como uma lente pela qual a realidade será olhada, visto que pouco foi produzido em

---

<sup>1</sup> Segundo Minayo (1993, p. 14), a metodologia é “O caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade).”

relação ao tema, cabendo classificar esta pesquisa como exploratória, neste sentido (MINAYO, 2010).

De modo geral, este trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa, visto que ela se propõe a uma análise voltada ao “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2010, p.21). Além disso, este trabalho possui uma abordagem compreensiva da amizade e de suas implicações no processo de formação humana e, logo, de construção/renovação do mundo. De forma mais precisa, pode-se dizer que o referencial teórico para este trabalho consiste nas ideias da filósofa Hannah Arendt.

Quanto às técnicas, algumas foram consideradas mais adequadas para a sondagem do problema em questão, a saber, a revisão bibliográfica e o grupo focal. A primeira se mostra importante frente à necessidade de aproximação do objeto escolhido, buscando conhecer o que já foi escrito sobre ele, de modo a traçar um panorama geral a respeito do tema e os conceitos de amizade que melhor se aplicam à análise pretendida.

O segundo, por sua vez, fez-se necessário devido à escassez de material científico desenvolvido sobre o tema, além do caráter qualitativo que o grupo focal carrega, tendo em vista que “o valor principal dessa técnica fundamenta-se na capacidade humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos” (KRUEGER *apud* MINAYO, 2007, p.269). Esta técnica é, desta forma, extremamente rica para a análise em questão, que se volta para um tipo de relacionamento interpessoal.

O grupo focal foi composto por seis alunas e quatro alunos, todos na faixa etária de dezesseis a dezenove anos, que estão cursando o terceiro ano do Ensino Médio na EPSJV, pertencentes às turmas Gerência em Saúde/ 2009 e Análises Clínicas/2009. Por questões éticas, os participantes do grupo não foram apresentados por seus nomes, nem houve apresentação de nenhuma outra informação específica, já que, para o alcance dos objetivos da pesquisa, o enfoque foi dado *no que* está sendo dito e não *em quem* o está dizendo. Este enfoque é devido ao fato de que as informações pessoais dos alunos não configuram variantes relevantes para a análise pretendida. Desta forma, as falas dos alunos foram identificadas somente como “informação verbal”.

O grupo procurou responder a algumas questões: Como se escolhe o amigo? De que forma os amigos se agrupam no âmbito escolar? As amizades são pautadas num projeto de

mundo? Os amigos compartilham um projeto de mundo? Existem diferentes tipos de amigos? Como são percebidos e identificados? Qual a importância da amizade na escola?

O objetivo destas perguntas foi investigar de que forma a amizade na escola pode romper com estereótipos vigentes na sociedade; como se formam os grupos de amizade no âmbito escolar; e se as tendências de escolha dos possíveis amigos reafirmam o caráter solidário e democrático que a amizade pode possuir.

Em um terceiro momento, fez-se necessária uma análise do discurso apreendido no grupo focal. Para isto, o presente trabalho parte de uma perspectiva que valoriza o discurso como prática, ou seja, a análise será pautada na concepção de uma dimensão político-prática existente no discurso, pois, como salientado por Hannah Arendt, “ao agir e falar, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e únicas, e assim fazem seu aparecimento no mundo humano” (ARENDR, 2010, p.224)

Em outras palavras, este trabalho não se ocupou de buscar o sentido subjacente ao discurso, antes, analisou as falas dos alunos procurando compreender as implicações e os efeitos daquilo que foi dito, numa perspectiva menos voltada para a interiorização que para o político. Neste sentido, foi possível fazer uma interligação com o conceito de renovação de mundo, de Hannah Arendt, que diz respeito a algo que se torna possível a partir da natalidade, da singularidade e da ação de cada sujeito que se insere neste mundo que “está fora dos eixos” (ALMEIDA, 2008). Esses conceitos estão presentes nas obras “A condição humana” e “A crise na educação”, cuja leitura foi aprofundada no segundo semestre. A busca foi por apreender no discurso como as amizades podem implicar numa postura solidária voltada não só para a troca de experiências entre os amigos, mas também para a renovação de um mundo inóspito, que é palco de muitas barbáries, mas que pode e deve ser transformado por cada geração.

Feita a apresentação dos objetivos e do método desenvolvido, segue no próximo capítulo a revisão da bibliografia que consiste num apanhado geral sobre o que já foi produzido na literatura sobre o tema escolhido. Na continuidade, com base nas ideias apresentadas no debate do grupo focal foi realizada uma articulação entre os discursos dos alunos e os conceitos estudados na revisão da bibliografia. Por fim, as considerações finais trazem as reflexões mais pertinentes a partir do que foi exposto nos capítulos anteriores, retomando os objetivos da pesquisa, o produto do grupo focal e as discussões trazidas pela revisão da literatura.

## 2 A AMIZADE NA ESCOLA COMO EXERCÍCIO DO POLÍTICO

A amizade na escola é uma amizade que se afirma por meio de um incômodo, que surge da necessidade de convívio com o outro. É uma amizade que acontece a partir do acolhimento daquele que é diferente - que vem de outros ambientes, que possui outras vivências e outros pensamentos. É a amizade que busca o comum (que não é, nem deve ser, necessariamente, igual) dentro das diferenças, incitando, assim, uma postura cooperativa e solidária (GOMES e SILVA JÚNIOR, 2007).

Esse é um conceito de amizade que se aproxima muito daquele defendido por alguns filósofos, como Arendt, Foucault e Ortega, que propõem este tipo de relacionamento como um instrumento de ruptura com os limites impostos pela sociedade capitalista, que têm o intuito de difundir relações que reafirmem práticas de exclusão, de separação, de preconceitos, de intolerância. Importa para o sistema que os relacionamentos que permeiam a nossa sociedade sejam, sobretudo, frágeis, para que não permitam estabilidade e força para os sujeitos nelas envolvidos, de forma a torná-los cada vez mais manipuláveis e menos “perigosos e ameaçadores” para a “ordem” estabelecida.

A ideia da amizade política proposta por esses teóricos parece se aproximar do fenômeno da amizade no espaço escolar. Fala-se desse tipo de amizade porque a escola é um âmbito heterogêneo, um lugar público que, por definição, deve estar preparada para acolher sujeitos advindos de todas e quaisquer situações e contextos, que deve estar aberta àquele que chegar, independente de onde venha; e que, sobretudo, por consequência do exercício de seu papel, deve promover a interação entre sujeitos tão diferentes que ali chegam. Por isso, torna-se necessário falar de uma amizade fruto do encontro com o desconhecido, com o estrangeiro, com aquele que nos confronta, de algum modo. É a amizade que se estabelece a partir da necessidade de desenvolver laços afetivos dentro desse ambiente de convívio coletivo.

Segundo Ortega (2000), vivemos em uma sociedade que propaga uma ideologia da intimidade. Isto quer dizer que, num contínuo processo de despolitização, fomos acostumados a construir nossa individualidade na proximidade com o outro. Com isso, Ortega procura tecer uma crítica à hegemonia dos relacionamentos pautados na semelhança. O autor defende a ideia de que, em contrapartida a esse movimento hegemônico que diz que a proximidade gera um valor moral nos relacionamentos, precisa-se cultivar a sociabilidade e a exterioridade. Em outras palavras, é

necessário manter certa distância do outro, para que se possa desenvolver o que é chamado de sociabilidade e para enxergar o exterior, rico em provocações construtivas. Ortega afirma que somente olhando para fora, isto é, somente buscando a exterioridade, é possível haver abertura para o novo, para o estranho, para o diferente, e torna-se possível construir uma forma mais desafiadora de existência.

Além disso, Ortega denuncia que essa “sociedade íntima” inibe a manifestação da capacidade criativa do homem. O “*homo ludens*”<sup>2</sup> é suprimido, de modo que a iniciação de algo novo, o rompimento da realidade estabelecida, enfim, a experimentação, não pode se realizar plenamente. Para o autor, a sociedade está sofrendo uma “psicologização total”, isto é, uma tendência de mostrar-se ao outro, mais do que buscar descobri-lo. É preferível mostrar a si mesmo em vez de enxergar o que o outro tem a mostrar. Como consequência disso, advém, também, o desinteresse pela vida pública, ou seja, por tudo que não diga respeito ao “eu” propriamente dito. Deste modo, Ortega enfatiza que, nesse movimento de *fazer-se conhecido*, o homem da sociedade atual se sente impelido à fala, à comunicação. Em outras palavras, somos estimulados a nos mostrar diante do outro, a preferir conhecer a nós mesmos em lugar do outro. Esses estímulos, segundo o autor, acabam nos levando diretamente ao narcisismo e a supervalorização do “eu”.

Essa lógica da comunicação que foi sendo estabelecida também fez do silêncio um fantasma que, inúmeras vezes, é relacionado à repressão, à falta de liberdade. Desenvolveu-se, então, a mentalidade de extinção do silêncio, de modo que é necessário falar com o outro, romper a barreira do silêncio imposta entre dois indivíduos, mesmo que isso signifique importunar o outro com o que se tem a dizer. Ortega denuncia essa postura, defendendo que o silêncio é um importante contribuinte para o processo de socialização. A justificativa é que o silêncio, como a própria socialização em si, exige o controle de si mesmo, com vistas à valorização do coletivo, do espaço público, da vida política, do mundo. Então, afirma que caminhando deste modo, a sociedade promove uma verdadeira incivilidade:

Vivemos em uma sociedade que nos incita continuamente a “desnudar-nos” emocionalmente, que fomenta todo tipo de terapias, verdadeiras dramaturgias da intimidade. A consequência é a decomposição da “civilidade”, entendida como o movimento aparentemente contraditório de se proteger do outro e ao mesmo tempo usufruir de sua companhia. Uma forma de tratar os outros como estranhos, pois usar uma máscara, cultivar a aparência, constitui a essência da civilidade, como modo de fugir da

<sup>2</sup> *Homo ludens*: “Homem lúdico”. O lúdico vem da palavra “ludus”, que quer dizer jogo; neste contexto, o homem lúdico proposto por Ortega é aquele que não tem medo de encarar um jogo político, de forma a criar, espontaneamente, o novo e o inesperado no âmbito dos relacionamentos (ORTEGA, 2000).

identidade, e de criar um vínculo social baseado na distância entre os homens que não aspira ser superada. O comportamento civilizado, polido, exige um grande controle de si, já que não é coisa fácil conter-se e governar-se a ponto de não deixar transparecer nos gestos e na fisionomia as mais violentas emoções de sua alma (ORTEGA, 2000, p.113).

Além disso, essa “ideologia da intimidade” traz consigo o costume, que geralmente passa despercebido, de se estabelecer analogias entre as relações interpessoais desenvolvidas – como a amizade – e as relações familiares. O que se observa é que, nesta cultura, quanto mais importante for um relacionamento, maior é a tendência de aproximá-lo da semântica familiarista. Em outras palavras, quanto mais considerável for um amigo, maior a tendência de encará-lo como um irmão, um pai, etc.

Ortega critica essa postura, afirmando que quanto mais o ideal familiar permear as relações de amizade, maior será o risco de haver frustrações dentro dessa relação. Essas frustrações aconteceriam porque encarando o outro como um membro da família, seria exigida dele uma postura semelhante à do pai, do irmão, etc, enquanto o amigo, na verdade, não possui as mesmas características da família. Além disso, ele afirma que a semântica familiarista, na verdade, representa e legitima o medo do desconhecido e do diferente.

Em suma, Ortega defende uma amizade voltada para a civilidade, para o político. Uma amizade que não promova a interioridade, mas que, em vez de estimular um conhecimento de quem o sujeito é, pretende incitar a própria invenção do sujeito nela envolvido. É um conceito inovador, que, segundo o autor, encontra dificuldades para se estabelecer enquanto possibilidade devido à predominância da mentalidade familiarista na sociedade atual.

É importante destacar, no entanto, que não se trata de negar a família enquanto instituição, mas de promover mais opções para o surgimento de laços afetivos. Trata-se de não restringir as amizades a uma mera extensão da família, àqueles que são iguais, que pensam de modo muito semelhante. O objetivo é promover, desta forma, o surgimento de relacionamentos desafiadores, inovadores, que saiam da zona de conforto e que se lancem no desconhecido, rompendo, conseqüentemente, com atitudes discriminatórias e egocêntricas.

Ortega defende a idéia de estabelecer a amizade como um relacionamento complementar à família, no sentido de que aquela apostará na exterioridade, na construção dos sujeitos para o mundo, enquanto esta se preocupará em acolher aqueles que estão na intimidade. A amizade, para Ortega (2000), viria cumprir um papel de suporte para o enfrentamento do medo de “ser livre”, ou seja, de encarar o mundo com suas pluralidades. Neste sentido, seria possível dizer, então, que

a amizade possui um caráter solidário. Neste relacionamento, um sujeito incitaria o outro a abrir-se para o mundo, a construir-se dentro do próprio relacionamento, vencendo, assim, a insegurança que o novo gera.

A amizade proposta por Ortega é um caminho novo que, segundo ele, poderá mostrar os benefícios que o enfrentamento e o acolhimento da diferença podem trazer. Além de exemplificar o quão proveitoso pode ser viver um relacionamento que respeite o espaço, a distância que existe – e que muitas vezes tende a ser suprimida na “sociedade íntima” – entre o “eu” e o “outro” nos relacionamentos.

Já numa revisão sobre Foucault, Ortega expõe a postura do filósofo francês em relação à amizade. Para ele, a amizade consiste numa forma de resistência e rebelião contra os relacionamentos tradicionais, “prescritos”. É, ainda, um jogo estratégico que desafia o poder institucionalizado, uma vez que possui por base a experimentação, a intensidade, a multiplicidade e a “mínima quantidade de domínio” (ORTEGA, 1999, p.157).

Foucault não trata da questão da amizade de forma específica e/ou aprofundada, deste modo, Ortega esclarece que “A única definição de amizade proposta por Foucault [...] é a seguinte: “a soma de todas as coisas mediante as quais se pode obter um prazer mútuo”. Para Foucault, a amizade é um relacionamento em que os sujeitos envolvidos vivem em uma provocação recíproca, sem, no entanto, usar da violência. É, sobretudo, um relacionamento aberto à experimentação, que desafia a ideologia hegemônica de submissão ao outro (ORTEGA, 1999, p. 168).

Outra referência possível e importante para tratar da dimensão política existente nos relacionamentos interpessoais é o pensamento da filósofa Hannah Arendt. Segundo Arendt, o homem vive num “espaço construído pelo trabalho e constituído pela ação” (ALMEIDA, 2008, p. 468), a saber, o mundo. Este espaço, permeado pela existência humana, e que abriga a pluralidade das intervenções e relacionamentos do próprio ser humano, é anterior à existência efêmera de cada indivíduo, e se perpetuará após a morte de cada um deles.

Segundo Almeida (2008), Arendt diferencia as atividades humanas, tendo como princípio norteador os fins de cada atividade. Algumas delas, segundo a autora, preocupam-se com a sobrevivência da espécie, sendo classificadas como o trabalho. Outras, por outro lado, dizem respeito, diretamente ao “mundo humano” (ALMEIDA, 2008) – que diferenciam o homem dos outros animais -, como a obra e a ação.

O trabalho está relacionado à vida (dimensão biofísica), ao suprimento das necessidades básicas, como a fome, por exemplo. Já a obra diz respeito à intervenção do homem no espaço para produzir sua existência social. Deste modo, ele fabrica objetos e espaços que lhe possam ser úteis em sua vivência. A ação, por sua vez, constitui a “atividade mais especificamente humana” (ALMEIDA, 2008). É para a ação que este trabalho voltará uma atenção especial, visto que a amizade é algo que se constrói na relação entre os homens.

Almeida (2008) explica que a ação, para Arendt, diz respeito à convivência entre os seres humanos em geral e ao sentido que esta dá à sua existência. Devido à pluralidade em que todos vivem, apesar da singularidade de cada sujeito envolvido na esfera dos relacionamentos, é possível existir um âmbito de ação que consiste na troca de impressões através de atos e palavras. Segundo Arendt (2010, p.8-9),

A ação, única atividade que ocorre diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Embora todos os aspectos da condição humana tenham alguma relação com a política, essa pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de toda a vida política.

Arendt tem a visão de que o mundo é um lugar que está fora dos eixos – já que o âmbito privado, cada vez mais, invade e se confunde com o público, comprometendo a verdadeira essência da política -, e que cabe a cada geração que nasce renová-lo, de modo a consertar e rearrumar este lugar. A partir deste ponto de vista, a autora desenvolve a importância da *educação* para este processo. Cabe ao educador mostrar à criança de cada geração o mundo em que se vive e protegê-la para que ela desenvolva seguramente sua singularidade enquanto um sujeito novo neste espaço que é anterior a ela (ALMEIDA, 2008).

Para Arendt a *singularidade* é algo próprio do sujeito, que define *quem ele é*, e que se manifesta, antes de tudo, aos outros que estão ao redor, através dos pensamentos e ações do sujeito. Deste modo, a singularidade diz respeito ao espaço público, político, de convivência, e não ao particular. Logo, segundo a visão arendtiana, a singularidade não está relacionada com a introspecção nem com o isolamento, como se costuma pensar atualmente, numa visão romântica (ALMEIDA, 2008).

Paralela à singularidade defendida por Arendt está o conceito de *status*, tão presente atualmente na esfera social, e que determina tantos relacionamentos. Segundo Almeida (2008, p. 474), Arendt “explica que na esfera social acontece uma identificação da pessoa com sua posição

social”. Ao contrário da singularidade, o status define *o que é* o sujeito, e está ligado diretamente ao poder de consumo. Este tipo de identificação acaba por gerar relacionamentos pautados principalmente no interesse em obter benefícios.

Neste ponto, cabe também tratar do conceito de liberdade que é um atributo da vida humana, e tem um caráter voltado para ação (para o “começar”) e não algo relacionado ao livre-arbítrio do indivíduo. Conforme Arendt (2011),

O homem é livre porque ele é um começo e, assim, foi criado depois que o universo passara a existir. No nascimento de cada homem esse começo inicial é reafirmado, pois em cada caso vem a um mundo já existente alguma coisa nova que continuará a existir depois da morte de cada indivíduo. Porque é um começo, o homem pode começar; ser humano e ser livre são uma única e mesma coisa. Deus criou o homem para introduzir no mundo a faculdade de começar: a liberdade.

Ou seja, o sujeito, uma vez livre, está apto para intervir no mundo – no espaço comum - e ajudá-lo a entrar nos eixos. E a singularidade deste sujeito, quando ligada à liberdade, impulsiona a criação de algo novo. Isto quer dizer que o jovem, sujeito novo no espaço antigo (o mundo), tem em sua singularidade a potência de iniciar ações impensadas, que só podem ser iniciadas, livremente, por ele. Assim, quando o processo de conhecimento do mundo e de sua singularidade é bem sucedido, cada sujeito, de cada geração, tem consciência de quem ele é e do lugar em que vive, sendo possível, assim, renovar o espaço e a ordem das coisas. Em outras palavras, para Arendt, a resposta para um mundo que precisa entrar nos eixos está na natalidade, isto é, no “fato de todos nós virmos ao mundo ao nascermos e de ser o mundo constantemente renovado mediante o nascimento” (ARENDRT *apud* ALMEIDA, 2008, p. 471)

Existe, na obra de Hannah Arendt, uma diferença importante entre os conceitos de *natalidade* e de *nascimento*. É importante salientar esta diferença devido às proporções que tais conceitos podem assumir na compreensão do ideário arendtiano. Enquanto o nascimento diz respeito à inserção de um novo ser *na vida*, a natalidade aponta para o surgimento de um novo ser *no mundo*.

Deste modo, o nascimento está relacionado ao trabalho, constituído pelos esforços de suprimento das necessidades físicas e à perpetuação da espécie; enquanto a natalidade aponta para a existência de um novo ser num “conjunto de tradições históricas e realizações materiais e simbólicas” (CARVALHO, 2006, p.19). Com a natalidade, surge não só um novo ser para a vida, mas um novo ser *singular*, que pode agir, intervir no mundo, de forma imprevisível e única.

Nas palavras da própria filósofa:

O fato de o ser humano ter o dom da ação, no sentido de fazer um início, só pode significar que ele foge a qualquer previsibilidade; que, nesse caso, a própria imprevisibilidade tem uma certa probabilidade e que aquilo que ‘racionalmente’ não é de se esperar pode mesmo assim ser objeto da nossa esperança. E esse dom para o imprevisível, por sua vez, se baseia exclusivamente na singularidade, por meio da qual cada um se distingue de qualquer um que foi, é ou será, [...] e essa singularidade se baseia no fato da natalidade, fundamental para toda comunidade humana, e em virtude da qual cada ser humano apareceu no mundo como um Novo singular (ARENDR *apud* ALMEIDA, 2008, p. 471).

A partir deste contexto, pode-se perceber que a amizade, enquanto pertencente à esfera das relações humanas, é concernente ao âmbito da ação, como definido por Arendt. E, além disso, a ação livre está diretamente relacionada com a iniciação de algo novo. Deste modo, pode-se começar a pensar na amizade como um relacionamento que, pautado nas singularidades dos sujeitos envolvidos, apresenta grande potencial de mudança, de renovação da realidade imposta e de crescimento pessoal mútuo (que acontece por meio da troca de conhecimentos e experiências possibilitados pelas singularidades).

Além disso, as reflexões de Arendt permitem-nos inferir que a autora propõe a existência de um espaço político de conhecimento onde os sujeitos podem conhecer uns aos outros, e serem impulsionados a agir em relação ao mundo em que vivem. Segundo Almeida (2008, p. 472), o desafio da educação para Arendt é “oferecer um espaço onde as crianças e os jovens possam estabelecer relações – conhecer os outros e o mundo e se dar a conhecer – sem ainda estar sob o peso da responsabilidade pelo mundo”.

Tendo em vista a proposta de educação oferecida por Arendt, é possível pensar, portanto, que a escola poderia ser esse espaço de conhecimento e de liberdade, que daria abertura para o engajamento no coletivo, ao mesmo tempo em que protegeria a singularidade de cada um. De fato, a proposta de escola para Arendt é um espaço seguro onde as crianças possam fazer a transição do espaço da família para o espaço coletivo do mundo:

Normalmente é na escola que a criança faz a sua primeira entrada no mundo. Ora, a escola é, de modo algum, não o mundo, nem deve pretender sê-lo. A escola é antes a instituição que se interpõe entre o domínio privado do lar e o mundo, de forma a tomar possível a transição da família para o mundo (Arendt, 2011, p.10)

Deste modo, a amizade na escola seria um relacionamento que possibilita ao sujeito o conhecimento de sua singularidade, além de impulsionar a renovação do mundo com a iniciação de projetos impensados. Com a visão de mundo que os jovens amigos teriam obtido nesse espaço de formação, o potencial de mudança seria ainda maior, visto que a troca de impressões

diferentes impulsionaria soluções mais abrangentes e desafiadoras. Os jovens amigos seriam os novos singulares, conhecedores do mundo em que vivem, capazes de contribuir, através da ação livre, para que o espaço coletivo seja restaurado e “entre nos eixos”.

É importante também salientar que, de acordo com a concepção arendtiana do papel da educação, a amizade na escola contribuiria também para essa transição dos sujeitos de seu espaço privado, a família, para o coletivo, o mundo. Nesse exercício de inserção dos novos neste mundo antigo, a amizade consistiria em um relacionamento que auxiliaria um melhor enfrentamento do mundo, visto que os laços afetivos teriam o poder de aumentar o sentimento de segurança e afirmação que o sujeito precisa ter para encarar os desafios apresentados pelo mundo.

Além disso, neste contexto de transição, não seria absurdo que muitas amizades dentro do espaço escolar se pautassem na semelhança e fossem relacionadas às relações familiares, afinal, é no âmbito escolar que no universo de significados dos jovens sujeitos irão coexistir as impressões do âmbito privado – advindas da família- e as novas impressões do âmbito coletivo – advindas da apresentação do mundo realizada pelos educadores. Num esforço de auto-proteção diante de um mundo desconhecido, é normal que os sujeitos procurem se unir àqueles que representem o conforto da familiaridade.

No entanto, como dito anteriormente, as semelhanças existentes no espaço de uma escola pública estão condicionadas à realidade das diferenças de cada singular que comporá este espaço. Isto é, mesmo que haja semelhança no contexto da escola pública, apresentar essa semelhança não significa “ser igual”, visto que a escola é um espaço de heterogeneidade, onde sujeitos estranhos uns aos outros são postos em certo conflito, ao serem desafiados ao esforço da convivência.

Além disso, a existência de amizades que se pautem na semelhança não invalida a existência de amizades que se estruturam a partir do enfrentamento e acolhimento das diferenças. O sujeito se construirá a partir da troca de experiências possibilitada pelo encontro com as outras singularidades, sendo elas semelhantes ou não. Como vimos, amizades pautadas na diferença desafiam os sujeitos a se abrirem para a pluralidade do mundo, de modo que o produto do incômodo causado pelo estranhamento possa ser extremamente benéfico para o coletivo, através da iniciação de projetos impensados.

Por outro lado, as amizades estruturadas por meio da semelhança possibilitam ao sujeito um espaço de maior acolhimento e de identificação, o que também é fundamental para o

desenvolvimento saudável da singularidade do indivíduo. As amizades pautadas na semelhança auxiliam o equilíbrio do sujeito e podem fazer parte de seu mundo de afetos, desde que não impossibilitem o desenvolvimento de outros vínculos afetivos, inclusive os pautados na diferença, nem o impeçam de agir politicamente. É importante que este tipo de relacionamento não limite as possibilidades de experimentação do sujeito, permitindo que este esteja sempre aberto a acolher e respeitar as diferenças, em vez de promover ações separatistas e preconceituosas.

### **3 A AMIZADE NA ESCOLA E O DESAFIO DA ALTERIDADE: A VISÃO DE UMA NOVA GERAÇÃO**

Como dito na apresentação, o grupo focal serviu de complemento à revisão de literatura feita num primeiro momento do trabalho. O grupo buscou responder a algumas questões importantes para a análise da amizade na escola, focando em suas implicações na formação humana e em sua potencialidade política de mudança.

É importante ressaltar a variedade de percepções de si e do outro que perpassa a fala dos alunos no grupo focal. Fica claro que, embora a amizade consista num vínculo afetivo comum no meio escolar, o exercício de pensar sobre ela e transpor em palavras esses pensamentos torna-se um esforço extremamente confrontador e difícil de realizar. Devido a este desafio que é ver com olhos analíticos aquilo que tantas vezes parece-nos banal, o produto do grupo focal são diferentes pontos de vista, que apresentam a multiplicidade de interpretações e modos de viver a amizade desta geração - representada pelos jovens alunos que foram entrevistados no contexto da EPSJV.

Da mesma forma que os participantes foram desafiados a refletir e analisar a forma como vivem e constroem seus vínculos na escola, o desafio se estende a este trabalho que, lançando-se ao exercício de se ocupar do subjetivo, se encontra na difícil tarefa de conciliar o objetivo universo dos conceitos e a riqueza desafiadora do empírico, já que a realidade sempre se mostra mais rica do que se escreve sobre ela.

É importante deixar claro também que não é interesse desta pesquisa emitir algum juízo de valor sobre uma ou outra forma de se desenvolver a amizade na escola. Não se trata de legitimar uma forma de escolher o amigo, em detrimento de outra, antes, importa que a questão seja explorada de forma satisfatória, compreendendo que, devido a sua amplitude, o assunto não se esgota aqui.

Mesmo que a revisão da bibliografia apresente a amizade pautada na diferença como aquela que mais se aplica ao contexto escolar, a pesquisa se comprometeu em retratar que, no trabalho empírico, verificou-se que os vínculos baseados na semelhança entre os amigos se dão de forma recorrente.

Posto que na pluralidade - condição da vida política como defende Arendt - convivem e se mostram as diferentes singularidades, neste espaço coletivo, na escola, essas singularidades também se esbarram e se afetam. Conforme acontece a experimentação do outro, as impressões

causadas pelo encontro determinarão os vínculos que serão ou não estabelecidos entre os diferentes sujeitos.

Sobre a singularidade de cada novo indivíduo no mundo, Arendt afirma: “por meio da qual cada um se distingue de qualquer um que foi, é ou será” (ARENDR *apud* ALMEIDA, 2008). Além disso, Almeida (2008), em seu ensaio, deixa claro que para Arendt, a singularidade se expressa, antes de tudo, para o outro, no contexto da ação.

Esta revelação de ‘quem’, em contraposição a ‘o que’ alguém é – os dons, qualidades, talentos e defeitos que alguém pode exibir ou ocultar – está implícita em tudo o que se diz ou faz. [...] geralmente, porém, não basta o propósito deliberado de fazer tal revelação, como se a pessoa possuísse e pudesse dispor desse ‘quem’ do mesmo modo como possui e pode dispor de suas qualidades. Pelo contrário, é quase certo que, embora apareça de modo claro e inconfundível para os outros, o ‘quem’ permaneça invisível para a própria pessoa, à semelhança do *daimon*, na religião grega, que seguia atrás de cada homem durante toda a vida, olhando-lhe por cima do ombro, de sorte que só era visível para os que estavam à sua frente (ARENDR *apud* ALMEIDA, 2008, p. 472).

Deste modo, este ‘quem’ que somente os outros com quem o sujeito lida podem ver, na experiência do encontro, atrai ou repele a singularidade do outro, de modo que, do encontro dessas singularidades podem surgir vínculos como a amizade que proporcionam troca de idéias, potencializando a ação.

No grupo focal, o discurso dos alunos participantes mostrou que existe uma divergência entre eles, no tocante ao fator que impulsiona o início de uma amizade na escola. Alguns afirmaram que essas amizades se constroem a partir da identificação de semelhanças. Outros, pelo contrário, iniciaram suas amizades a partir do estranhamento e até mesmo da antipatia. Estes fatores - semelhança ou estranhamento - constituem os elementos de afetação causada pelo encontro com a singularidade do outro.

Tratando-se de como se dá a escolha de um amigo, as primeiras respostas no grupo apresentaram a semelhança como fator importante neste processo: “Eu acho que você escolhe, primeiramente. Não por interesse, mas porque você vê em tal pessoa aquilo que você é em si mesmo, como se fosse um reflexo de você. E aí, vocês se juntam...”<sup>3</sup> (informação verbal); “Eu me sinto mais próxima das pessoas com quem eu tenho coisas em comum, mas aí tem os meus colegas que também são muito diferentes de mim, mas, amigo mesmo acho que são as pessoas mais parecidas”<sup>4</sup> (informação verbal); e:

Acho que a gente acaba se aproximando por coisas semelhantes, mas, com o tempo, às vezes você pode até se separar daquela pessoa por justamente ver que tem coisas

<sup>3</sup> Discurso retirado do grupo focal.

<sup>4</sup> Discurso retirado do grupo focal.

semelhantes, mas tem muito mais coisas diferentes do que aquilo que eu pensava<sup>5</sup> (informação verbal).

Nestes casos, a afetação se dá a partir da semelhança, e a amizade se inicia com a identificação de uma singularidade parecida.

Por outro lado, no entanto, existem aqueles que afirmam ter iniciado suas amizades na escola a partir do estranhamento, encarando as diferenças e desafiando a antipatia: “Os meus amigos de verdade, e até os meus melhores amigos, são baseados numa antipatia”<sup>6</sup> (informação verbal).

Outro aluno declarou:

Antes de eu entrar aqui, eu já tinha pensado nisso: eu vou encontrar amigos pra vida, eu vou encontrar amigos pra eu levar nessa escola. E foi o que aconteceu. Só que o que eu não sabia é que eu ia encontrar amigos tão diferentes e que fossem me causar tantos conflitos. (...) A primeira amiga que eu encontrei me causou um mega conflito e foi uma coisa que eu não escolhi, pela primeira vez eu não tinha escolhido uma amizade, ela aconteceu, ela veio. E eu aceitei ela da forma como ela veio, e me causando todos os conflitos... e é engraçado porque eu não a achava semelhante por se parecer comigo, porque não parecia nada, eu achava semelhante por ser diferente, porque ela me causava um desconforto (informação verbal)<sup>7</sup>

Em todos os casos, fica claro que a amizade, seja pelo (re)conhecimento de semelhanças, seja pelo estranhamento gerado pelas diferenças, acontece no contato entre as subjetividades e num nível de afetação, positivo ou negativo, que será determinante no estabelecimento ou não de laços entre os sujeitos.

Em sua maioria, os participantes do grupo focal afirmaram que existem valores que são fundamentais para a construção dos elos de amizade. Dentre esses valores está a confiança: “Pra mim não tem isso de não ter confiança, tem que ter”<sup>8</sup> (informação verbal). A questão da confiança foi referida também em outros discursos:

Se eu fosse definir o que é um amigo, eu diria que é aquele ou aquilo, né, não necessariamente uma pessoa, em quem eu pudesse confiar, seria sinônimo de confiança. (...) Se eu não confio, se essa pessoa, minimamente, não me respeita, não me aceita, não pode ser meu amigo. Se essa pessoa não é leal, ela não pode ser meu amigo<sup>9</sup> (informação verbal).

A amizade parte muito da confiança que você tem na pessoa. Pô, se você não confia naquela pessoa, como é que você pode considerá-la seu amigo? Tem muita gente que

---

<sup>5</sup> Discurso retirado do grupo focal.

<sup>6</sup> Discurso retirado do grupo focal.

<sup>7</sup> Discurso retirado do grupo focal.

<sup>8</sup> Discurso retirado do grupo focal.

<sup>9</sup> Discurso retirado do grupo focal.

diz: “Fulano é meu amigo, mas eu não confio nele, não!” Isso é muito complexo pra mim<sup>10</sup> (informação verbal).

Além da confiança, outros valores foram mencionados, como a possibilidade do diálogo intersubjetivo, a democracia e o cuidado com o outro. É perceptível que os alunos reconhecem a singularidade dos amigos, não buscam “em um” o que encontram “em outro”, o diálogo é exatamente a possibilidade de se relacionar com o outro como ele se apresenta no encontro:

O amigo tem que partilhar ou dialogar com seu projeto [de mundo]? Porque muitas vezes o seu projeto, você pensa de uma forma e o seu amigo vai de confronto com aquilo, ele vai dialogar com você, aí é amigo, quando ele consegue dialogar. Ele não precisa levar a mesma bandeira que a sua. O simples fato de ele dialogar, de ele ouvir o outro projeto, já é um lance de amizade. Porque do amigo você quer isso, do amigo você quer ouvir, do amigo você quer uma correspondência pra falar também... (informação verbal).

Meus amigos são bem diferentes de mim na personalidade, mas eu tenho que conseguir discutir com a pessoa. Ela pode até não ter a mesma ideia, mas, sabe, ter interesse em discutir sobre essa ideia, a opinião ser diferente, mas ter interesse no assunto. Eu acho que isso é fundamental pra eu ter uma amizade com essa pessoa<sup>11</sup> (informação verbal).

A amizade foi apresentada também como um espaço democrático que, no grupo, foi comparada com a instituição familiar, sendo esta última encarada como algo que, ao contrário da amizade, não apresenta esta liberdade:

De uma maneira muito simples, eu não acho que a família seja um bom exemplo para se citar aqui, não. Até porque a estrutura familiar não é nada democrática, a amizade é um vínculo extremamente democrático, extremamente livre. Enfim, é isso, na família você não tem esse senso de liberdade pra gostar, pra amar, pra conviver, pra se relacionar...<sup>12</sup> (informação verbal).

Esta questão, como citado anteriormente, aparece na reflexão de Ortega (2000) quando ele discute a presença constante da família no imaginário dos afetos que desenvolvemos. Segundo o autor, quanto mais importante uma relação parecer para nós, mais teremos a tendência de associá-la a uma relação familiar. Ele afirma que esta tendência, no fundo, representa o medo de encarar a diferença que muitas vezes é nutrido dentro de nós e, por isso, tendemos a criar analogias que nos aproximem do espaço de semelhança e segurança que a família representa. Contudo, ele deixa claro que:

Não se trata de negar a família como instituição, mas de combater o monopólio que ela exerce sobre nosso imaginário emocional, de deixar de pensar as reações de amizade em imagens familiares, para poder reinventar a amizade (...). O mundo compartilhado, a

<sup>10</sup> Discurso retirado do grupo focal.

<sup>11</sup> Discurso retirado do grupo focal.

<sup>12</sup> Discurso retirado do grupo focal.

esfera dos “assuntos humanos” é esse espaço entre os homens que deve ser mantido e que é suprimido nas relações de parentesco, na família e na fraternidade, ao anular a pluralidade, a singularidade e a liberdade. Eis por que Hannah Arendt contrapõe fraternidade e amizade, sendo esta última voltada para o público (ORTEGA, 2000, p.115)

Ortega (2000) faz esta discussão tendo em vista o modelo de família historicamente construído que, por definição, não se apresenta como um espaço democrático, isto é, não apresenta abertura ao diálogo nem à possibilidade de escolha, muitas vezes. Contudo, cabe acrescentar que, na contramão desta perspectiva, existe sim e - cada vez mais - a possibilidade de construção de novas formas de relacionamento dentro do âmbito familiar.

Existem famílias que escolhem desenvolver relações pautadas na confiança, no respeito, no diálogo, na liberdade de ser quem a pessoa é de verdade. Neste sentido, cabe-nos tratar até mesmo da possibilidade que os laços de amizade apresentam de democratizar a família, visto que as relações de amizade constituem um lugar de cultivo de valores democráticos, como apareceu nos discursos do grupo focal. Quando existe uma abertura para uma nova forma de relacionamento como esta, familiares que criaram entre si laços de amizade, existe a possibilidade crescente de transformação da família num espaço democrático.

Por último, vale a pena destacar o cuidado com o outro, que também apareceu como um valor importante na construção das amizades. No discurso dos jovens, o cuidado apareceu interligado com os conceitos de “tratar bem” e de respeito, sendo traduzido em atitudes como o carinho demonstrado pelo outro e a preservação do afeto desenvolvido em relação ao amigo mesmo com as mudanças que ele sofre:

Teve uma amiga que falou assim pra mim: “Por que você faz isso por mim, se eu sou tão ruim com você?”, eu falei: “Porque isso não me preocupa, porque eu considero você uma pessoa boa, eu gosto de você, amo você, e eu acho que você merece pelo menos uma pessoa na vida que faça essas coisas por você, e se pode ser eu, por que não?”<sup>13</sup> (informação verbal).

Às vezes, a gente faz amizade e aí aquela pessoa acaba conquistando você e você cria o sentimento de afeto, aí, o primeiro contato pode até ter sido opinião, pensamento, pode até ter sido isso que te impulsionou a se aproximar, mas depois que você se aproxima você vai criar um laço mais de afeto, você começa a se importar com a pessoa. Aí, às vezes, ela muda, mas você já gosta dela (...) Ela muda, mas ninguém muda totalmente. A essência ainda é a mesma. Aí você já gosta daquela pessoa e você até se esforça pra conversar com ela e aí você consegue.<sup>14</sup> (informação verbal)

Um aluno deixa clara a importância que o “tratar bem” tem para ele na construção de uma amizade: “Pouco me importa se a pessoa acha o aborto legal, se ela quer votar no Serra, eu não

<sup>13</sup> Discurso retirado do grupo focal.

<sup>14</sup> Discurso retirado do grupo focal.

quero nem saber disso. Se a pessoa me trata bem, já tá bom, já tem grandes chances de virar meu amigo”<sup>15</sup> (informação verbal).

Esses valores, que segundo os alunos são condições básicas para a construção e a manutenção das amizades, contribuem para a reafirmação dos afetos, para o reconhecimento da capacidade de se doar ao outro e de se sentir à vontade para esperar uma reação correspondente dele, além de contribuir para o autoconhecimento. Neste sentido, as amizades contribuem para a formação humana e a citação recorrente desses valores, ao longo do grupo focal, ressaltando sua importância, reafirma isso.

Conforme a afetação, segundo definida anteriormente, se dá nos sujeitos envolvidos nos elos de amizade, estes relacionamentos interferirão diretamente na formação dos sujeitos. A troca das subjetividades possibilitada pelo convívio, pelo relacionamento, transformará constantemente os indivíduos, mesmo que os mesmos não percebam isso. Entende-se por troca de subjetividades a troca de idéias, o surgimento e o encontro de afetos – podendo, assim, ter uma conseqüência positiva ou negativa, dependendo da situação. Além disso, podemos citar também os diálogos possibilitados pela relação, o cuidado com o outro, enfim, ações que permeiam e mantêm os elos de amizade.

Essa troca tem o poder de ajudar o outro a libertar seu potencial único e intransferível de mudança, de criação de projetos impensados, isto é, o poder de fazer um início. É o conceito de renovação de mundo, de Arendt, entrando novamente em cena. Segundo a pensadora, cada geração que nasce – seres novos num mundo antigo – é capaz de renovar este espaço coletivo que é o mundo. Em outras palavras, a cada novo ser que surge no mundo, o próprio mundo pode tornar-se novo mais uma vez. A natalidade inaugura um novo início, possibilitado pela ação dos diferentes singulares.

A amizade comendo, juntamente com outros relacionamentos, o âmbito da ação, transforma-se num dispositivo potencializador da mudança. Já que é através da ação que os homens são capazes de instaurar novidade no mundo, a amizade - um relacionamento de exercício da liberdade, que já é ação em algum sentido - não poderia incitar a ação que vise o coletivo? Não poderia servir de instrumento de mudança de mundo?

Tendo isto em vista, algumas perguntas foram feitas no grupo focal buscando compreender como se desenvolve esse potencial na dimensão prática dos relacionamentos.

---

<sup>15</sup> Discurso retirado do grupo focal.

Perguntados se a amizade tem o poder de mobilizar para a ação, a maioria dos participantes do grupo respondeu que sim. Alguns, no entanto, ao desenvolverem a idéia, deixaram claro que essa ação se voltava para eles mesmos, como se o projeto de mundo partisse, antes de tudo, de uma mudança interna.

Percebe-se isso claramente na fala de uma aluna que afirma:

Óbvio que eu acho que a amizade gera ação. No meu caso, não conta o meu projeto de mundo, porque eu sou muito indecisa, mas eu meio que sei bem o que quero da minha vida. Eu sou muito cabeça dura, só que eu também me auto-deprecio muito, então, muitas vezes, mesmo eu sabendo que eu quero fazer aquele negocio, eu não tenho ânimo pra seguir em frente porque eu sei que eu quero aquilo, mas eu fico: “ah, eu não vou conseguir, eu não tenho capacidade!”. E meus amigos, e minha família também, no caso, mas meus amigos me botam muito pra cima. Eles falam: “Vai, você vai conseguir, tenta!”. E, apesar de não ser nada conflitante, eu acho isso essencial pra eu seguir em frente. Eu acho que eu não conseguiria ter feito nem metade do que eu fiz se não tivesse gente do meu lado me apoiando, me movendo pra frente. Então, nesse caso, sim.  
<sup>16</sup>(informação verbal)

Ela deixa claro que suas amigas ajudam na tomada de decisões importantes, geram motivação para seguir em frente, enfim, mobilizam a uma ação voltada a interioridade, para o âmbito pessoal.

Outro aluno afirma que “Pelo estranhamento você é mobilizado pelo seu amigo a fazer alguma coisa que muitas vezes você não queria fazer e que você já tinha cogitado nunca fazer na vida. E aí o seu amigo te mobiliza a isso, e eu acho que gera a ação” (informação verbal)<sup>17</sup>. Neste caso, enfatiza-se que o amigo mobiliza a uma ação impensada, mas, que ainda assim, parece restrita ao campo pessoal, uma ação que seria como um enfrentamento de si mesmo, e que não se direciona diretamente ao coletivo.

Por outro lado, alguns alunos afirmaram que sua passagem pela escola foi determinante para fazê-los pensar em prol do coletivo, de modo que, a troca de singularidades permitida pelos relacionamentos criados no espaço escolar possibilitou-lhes cogitar novos caminhos a seguir durante sua passagem pela escola e até mesmo quando saírem dela:

Ela [a escola] também tem um caráter de transformação e de desenvolvimento e ela permite isso... da mesma forma que ela regula, tentando nos formar para sermos alguma coisa, ela também permite que a gente se desenvolva e se transforme, de uma maneira mais flexível. Como ela possibilita, flexibiliza, essa questão da transformação do indivíduo... Justamente essa questão formadora possibilita uma ampliação da nossa visão de mundo. Tanto que o meu projeto de vida, depois que sair daqui é, de fato, transformar o meu espaço, conseguir flexibilizar, minimamente o espaço onde eu vou ser inserida, pra que eu possa ter pessoas do meu lado que saibam ser amigas, porque nem todas as pessoas sabem ser amigas das outras, isso não é fácil (...) para que eu consiga flexibilizar

<sup>16</sup> Discurso retirado do grupo focal.

<sup>17</sup> Discurso retirado do grupo focal.

meu espaço, transformar meu espaço, para que eu consiga viver bem a partir disso <sup>18</sup> (informação verbal).

Arendt discute a importância da educação para os jovens afirmando que a educação tem o papel de iniciar e preparar os novos para um mundo antigo, anterior à eles. O educador deve mostrar às novas gerações o mundo em que vivemos, expondo, inclusive as barbáries nele cometidas, ao mesmo tempo em que protege suas singularidades para que possam desenvolver seu potencial (ARENDR, 1957). Deste modo, a escola desempenha um papel, ao mesmo tempo desafiador e protetor das novas gerações. Isso não é diferente na EPSJV.

Esta concepção arendtiana apareceu na fala de alguns alunos que afirmaram a importância de sua passagem pela EPSJV para que pudessem enxergar o mundo sob uma perspectiva diferente, mais voltada para o político, para o próprio mundo. Uma aluna ressaltou que “A escola me mudou muito no sentido de o meu principal projeto de vida é ter um trabalho voltado pra área da educação (...)” (informação verbal). Outra declarou:

Eu acho que a escola também, por ser um objeto de transformação do indivíduo, assim, de formação também, no âmbito acadêmico e no âmbito do social, mesmo, de construção do sujeito, eu acho que ela interfere muito nisso, na construção de suas amizades, porque se eu encontrasse com as minhas amigas de fora, hoje em dia, eu provavelmente ia chamar elas de idiotas, de chatas (...). Antes de eu entrar aqui no Politécnico, eu tinha uma visão de mundo não totalmente diferente, mas um pouco diferente da que eu tenho hoje em dia e... projeto de mundo, assim, eu não sabia nem o que eu queria fazer da vida. (...) E depois, eu acho que a escola teve um papel importantíssimo na minha formação como indivíduo, porque ela criou uma visão em mim um pouco a mais do que eu já tinha. Eu nunca pensei em fazer medicina, hoje eu quero fazer medicina e trabalhar em comunidade (...). Acho que é isso... meu projeto de mundo é social <sup>19</sup> (informação verbal).

Mesmo ressaltada a importância da escola na construção de novas visões de mundo, considera-se que poucas falas no grupo focal dão a entender, diretamente, que as amizades auxiliam na mobilização política, voltada para o coletivo, visto que por meio dos discursos, seja valorizando mais a importância pessoal da amizade, seja indicando o fim último da mudança promovida por ela, os alunos trouxeram uma discussão que se inicia no “eu”. Poderíamos, então, afirmar que a renovação de mundo, proposta por Arendt, que acontece a partir da vinda de cada ser novo, parece esmagada por um mundo cada vez mais voltado para os interesses pessoais.

Todavia, as falas deixaram claro que o “eu” tem um papel fundamental no processo de ação no mundo. O pensamento que parece permear as falas é o de que uma mudança no âmbito

<sup>18</sup> Discurso retirado do grupo focal.

<sup>19</sup> Discurso retirado do grupo focal.

pessoal, isto é, uma mudança no pensamento, na visão de mundo, nos objetivos do sujeito acaba modificando, de alguma forma, o mundo em que este “eu”, este sujeito está inserido.

Como dito pelos alunos, suas singularidades se esbarram com outras singularidades no espaço escolar e, desse encontro, surgem mudanças. Essas mudanças em cada sujeito trazem um potencial de ação que parece fluir “de dentro para fora”, isto é, se inicia no singular e termina na pluralidade. Deste modo, embora tenhamos a tendência de classificar as ações que começam no “eu” como um ato de sobreposição do particular ao público, o produto do grupo focal mostrou que, mesmo que o início das ações parta de um desejo pessoal, o fim pode sim estar voltado ao coletivo. O caminho que se mostra a partir de cada fala ainda traz consigo a esperança da mudança no coletivo, promovida pelos encontros e pelos afetos desenvolvidos no espaço da escola que possibilitam, antes, uma mudança no próprio sujeito.

A consciência do potencial de gerar mudança e o próprio desejo de renovar um mundo que, apesar de parecer inóspito, é o lugar que nos foi dado para viver (Arendt, 2010), aparece nos discursos dos alunos como uma semente que ainda precisa ser cuidada para que possa brotar e gerar seus frutos, mas que já está plantada em suas singularidades.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A AMIZADE NA ESCOLA E SUAS POTENCIALIDADES**

Tendo em vista tudo o que foi apresentado, podemos concluir que a amizade constitui, de fato, um relacionamento que possui abertura para a experimentação, para a mudança, tratando-se de um relacionamento criativo, de exercício de liberdade e democracia. Ao abordarmos, em

especial, a amizade na escola, podemos ainda afirmar que esses laços tornam-se ainda mais desafiadores na medida em que são construídos num espaço heterogêneo, num contexto formador.

Como ficou claro com a análise do grupo focal, as amizades na escola são formadas a partir da afetação causada pela presença do outro no convívio. Alguns são afetados por alguma semelhança encontrada no outro, embora essa semelhança não signifique apresentar características iguais, enquanto outros são afetados - e desafiados - a partir da própria diferença proporcionada pela heterogeneidade que a escola pública apresenta.

Neste contexto, percebeu-se que muitas visões foram rompidas pelo convívio proporcionado pela escola. Foi apresentado no grupo focal que uma variável importante no aprofundamento dos laços de afeto é o tempo de convívio que serve tanto para reafirmar relacionamentos estabelecidos previamente, quanto para rompê-los e lançar o desafio de procurar por novos que pareçam mais adequados para os sujeitos envolvidos.

Se, num primeiro momento, a pesquisa procurou investigar as implicações da amizade na formação humana, num segundo momento, pode-se perceber que um relacionamento livre, democrático e desafiador como a amizade se apresenta como um espaço fundamental onde os sujeitos viverão a experiência do cuidado, do diálogo, da confiança, do acolhimento. Tais valores, que tanto permearam a discussão do grupo focal, apresentam-se como determinantes na construção e reconstrução constantes dos sujeitos que vivem a amizade.

Mesmo que imperceptivelmente, a troca intersubjetiva possibilitada pela amizade contribui para a formação do sujeito, na medida em que é na alteridade que novas ideias surgem e novos valores são cultivados, gerando constantemente no sujeito uma nova percepção de si. Conforme lidamos com a imagem que temos de nós mesmos, orientamos nossos pensamentos e nossas ações, colocando ou não em prática o potencial de mudança que carregamos em nossa singularidade.

Cabe aqui, então, resgatar outro objetivo da pesquisa que foi investigar a potencialidade política que a amizade na escola pode possuir, encarando como política o âmbito da pluralidade, do coletivo. Uma vez esclarecida a importância da amizade para a formação humana, percebemos que a percepção gerada pelo encontro com o outro tem grande chance de impulsionar ação e que, conforme foi vivido este encontro, a ação poderá se limitar ao campo pessoal, íntimo da amizade,

ou poderá se voltar para o âmbito da pluralidade, explorando as potencialidades dos sujeitos envolvidos neste relacionamento.

Neste sentido, podemos afirmar sim que a amizade possui uma potencialidade política que pode ou não se transformar em ato de acordo com o modo que os sujeitos serão afetados mutuamente. Cabe ainda abordar que projetos inovadores, cooperativos e solidários podem se tratar de pequenos atos restritos inclusive ao espaço íntimo da amizade, mas que podem repercutir, posteriormente, num estilo de viver capaz de gerar, a longo prazo, alguma mudança no meio em que o sujeito estará inserido.

Quando falamos de iniciar projetos impensados também tratamos de processos. Mudanças significativas, muitas vezes, começam com pequenos atos. Se no espaço da amizade o sujeito vive a experiência do cuidado, por exemplo, é muito provável que ele reproduza, com outros, a postura da qual ele partilhou e que lhe fez bem. Tendo isto em vista, não é absurdo pensar que a renovação de mundo possa começar em um relacionamento pessoal como a amizade.

Foi isso que esta monografia procurou apresentar, a amizade por um novo ângulo, mais voltado para o político, embora não descarte a amizade íntima como um relacionamento também válido que também pode apresentar aberturas para uma transformação no mundo.

A intenção foi mostrar que no contexto escolar, é possível que exista o germe de um relacionamento potencialmente inovador, rico em seu horizonte de significados e, por isso, torne-se tão importante a amizade. Trata-se de um relacionamento que pode proporcionar uma fuga às formas de subjetivação impostas, uma alternativa criativa de novas formas de sociabilidade.

O enfoque dado na amizade na escola e a realização do grupo focal com alunos da EPSJV buscaram retratar que, no espaço escolar, a mudança verificada nos sujeitos envolvidos neste relacionamento pode tornar-se ainda mais significativa devido às influências deste contexto.

Podemos trazer, então, uma reflexão de Arendt que, neste ponto da monografia, deve ser compreendida à luz da discussão já feita, considerando-se a importância dos relacionamentos para a acentuação do potencial único de cada sujeito:

O fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isso, mais uma vez, só é possível porque cada homem é único, de sorte que, a cada novo nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo (ARENDDT, 2010, p.222-223).

E, complementamos, referindo-nos à afetação causada pelas diferentes singularidades:

A rigor, o domínio dos assuntos humanos consiste na teia de relações humanas que existe onde quer que os homens vivam juntos. O desvelamento do “quem” por meio do

discurso e o estabelecimento de um novo início por meio da ação inserem-se sempre em uma teia já existente, onde suas conseqüências imediatas podem ser sentidas. Juntos, iniciam novo processo, que finalmente emerge como a singular estória de vida do recém-chegado, que afeta de modo singular as estórias de vida de todos aqueles com quem ele entra em contato. É em virtude dessa teia preexistente de relações humanas, com suas inúmeras vontades e intenções conflitantes, que a ação quase nunca atinge seu objetivo; mas é também graças a esse meio, onde somente a ação é real, que ela “produz” estórias, intencionalmente ou não, com a mesma naturalidade com que a fabricação produz coisas tangíveis (ARENDR 2010, p.230):

Posto tudo isto, concluímos, então, que a amizade, enquanto pertencente à teia dos complexos relacionamentos humanos, apresenta uma riqueza ainda pouco explorada, mas de grande relevância, tanto numa dimensão pessoal, quanto coletiva. Espera-se que a reflexão proporcionada por este trabalho contribua para uma maior valorização do potencial da amizade e, em especial, da amizade na escola.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. Educação e liberdade em Hannah Arendt. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v.34, n.3, p.465-479, set-dez 2008.

ARENDR, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 11ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 407p.

\_\_\_\_\_. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 2011. 352p.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. A crise na educação como crise da modernidade. **Revista Educação: Hannah Arendt pensa a educação.** São Paulo, n.4, p.16-25, 2006.

EPSJV. **Projeto político pedagógico.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. 312p.

GOMES, Livia Godinho Nery ; SILVA JUNIOR, Nelson da. Experimentação política da amizade: alteridade e solidariedade nas classes populares. **Psicologia: teoria e pesquisa.** Brasília, v.23, n.2, p.149-158, abr-jun 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 2010. 108p.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: HUCITEC, 2007. 406p.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault.** São Paulo: Graal, 1999. 184p.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 200.117p.

PEREIRA, Isabel Brasil; RAMOS, Marise Nogueira. **Educação profissional em saúde.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 118p. (Coleção Temas em Saúde).